

30-04-2020

Por quem os sinos dobram?

Sônia Gertner

[Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão da Pessoa com Deficiência.
Coordenação de Saúde do Trabalhador da Fundação Oswaldo Cruz]

A pergunta suscita diferentes respostas, e a primeira é o que me ocorre: os sinos dobram pelas Pessoas com Deficiência.

No atual contexto de pandemia essas pessoas são parte do grupo de risco, pois recorrentes vulnerabilidades as tornam mais suscetíveis a serem infectadas pelo Covid19, fazendo-as correrem risco de vida. Essa pandemia é um desafio coletivo enfrentado pela humanidade, estamos combatendo um inimigo em comum: um vírus desconhecido, o novo coronavírus. Alguém já disse que embora o vírus não faça distinção de classe social para infectar uma pessoa, o cuidado, a atenção e os recursos disponíveis determinam se alguém poderá ser curado ou morrer e, portanto evidenciam a imensa desigualdade social do sistema perverso que rege nosso país e o mundo. Sempre evocamos ao falar dos direitos da pessoa com deficiência, dois documentos de suma importância, sendo o primeiro a *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas* que, por meio do Decreto no 6.949, de 25 de agosto de 2009, obteve status de emenda constitucional e nele se estabelece que os Estados Partes ii) *“tomarão todas as medidas necessárias para assegurar a proteção e a segurança de pessoas com deficiência que se encontrarem em situações de risco”, inclusive em situações de emergências humanitárias (art. 11); ... v) reconhecem a importância do acesso à informação, à comunicação e à saúde, entre outros, e se comprometem a identificar e a eliminar todos os obstáculos e barreiras à acessibilidade (art. 9)*

O outro documento é a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei no 13.146, de 6 de julho de 2015) que estabelece em seu art.4º *que toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas, e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação em razão de sua condição. O direito à saúde implica que todas as pessoas, independentemente de suas condições pessoais, tenham direito a tratamento, o que significa que em casos de epidemias tenham acesso a um sistema de atendimento médico urgente, bem como serem incluídos no recebimento de ajuda humanitária. Porém, neste momento de crise, intensifica a negação de direitos à população historicamente vulnerabilizada das pessoas com deficiência, como o direito de receber atendimento de suas necessidades específicas, com equidade. Em caso de necessidade de triagem de pacientes, a equipe de saúde não poderá deixar para trás pessoas com deficiência em razão simplesmente da deficiência, sob pena de discriminação por exclusão de atendimento.*

É neste momento de emergência em saúde pública que demonstraremos o quanto valorizamos o direito à vida e à dignidade de todas as pessoas com ou sem deficiência, reconhecendo o igual valor da vida humana porque morremos um pouco a cada morte que presenciamos. *“Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; todos são parte do continente, uma parte de um todo”*. Assim, *“a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não pergunte por quem os sinos dobram; eles dobram por ti”*. É com essa citação, tirada de um poema de John Donne, poeta inglês do século 17, que Ernest Hemingway começa uma de uma de suas obras mais importantes, *“Por Quem os Sinos Dobram?”*, livro de 1940, que receberia versão para o cinema três anos depois. No tempo em que a comunicação era feita por outros veículos bem diferentes dos atuais, os sinos seriam nosso twitter, whatsapp ou instagram. Quando os sinos tocavam poderiam estar anunciando o horário da missa, uma emergência, avisar de um nascimento ou relatar uma morte, tendo para cada situação um repique diferente. O soar de um cântico fúnebre, levaria à pergunta óbvia: por quem os sinos dobram? Ou, em outras palavras, quem morreu?

O poema de **John Donne**, ao mostrar a conexão entre tudo que existe, deixa claro que quem morreu foi você. Nessa interpretação poética aprendemos que cada perda, mesmo que distante, é uma pequena morte para cada um de nós. *“Por Quem os Sinos Dobram”* influenciaria também o pensamento de um controverso e genial artista brasileiro: Raul Seixas, que batizou seu 9º álbum - e uma de suas canções - com esse título. Infelizmente, só não tem influenciado o presidente do Brasil que em mais uma infeliz, cruel e insensível declaração nesta semana, ao ser perguntado sobre o aumento do número de mortes de brasileiros (474 num só dia, batendo um recorde que ultrapassa a China e chegando a 5.017 mortes), ironizou **“Sou Messias, mas não faço milagre”**. Só se for o enviado/ /messias da morte, porque o verdadeiro Messias só trouxe vida. Diante de tanta perplexidade diria que os sinos dobram também pelo luto da razão, da ciência, da capacidade crítica, da valorização da vida qualquer que seja ela: do trabalhador da saúde ou de todos outros, da pessoa com ou sem deficiência, do cidadão de qualquer idade, raça ou endereço. Quando chegar ao fim da pandemia e desse desgoverno que tenhamos aprendido alguma coisa, e há muito a aprender como a solidariedade, o compartilhamento, a colaboração e a responsabilidade pelas nossas escolhas. Enquanto isso, vamos todos nos proteger e proteger a quem amamos. É o meu desejo daqui, quarentenada, trabalhando muito e cantando com Raul Seixas **“Nunca se vence uma guerra lutando sozinho... Coragem, coragem”**.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.